

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS II

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

LICENCIATURA EM HISTÓRIA

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO EM HISTÓRIA de 1º e 2º GRAUS

COORDENADORA DA PRÁTICA: PROFª ERONIDES C. DONATO

ORIENTADOR: Prof. JOSÉ APOLINÁRIO

CONCLUINTE: PAULO BERNARDO DA SILVA.

RELATÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONA-
DO.

CAMPINA GRANDE -

JANEIRO

1997.



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

S U M Á R I O

pg

- Dedicatória.....	01
- Introdução.....	02
- Capítulo 1 - " A Prática de Ensino e o Campo de Está- gio".....	03
-Capítulo 2 - "A Experiência em sala de aula".....	07
-Capítulo 3 - " C O N C L U S Ã O".....	10
- Bibliografia.....	11
<u>- A N E X O S:</u>	
Anexo I - " Plano de Ensino".....	12
Anexo II - "Plano de Unidade".....	15
Anexo III - "Plano de Aula".....	16
Anexo IV - " Fichas de observação".....	17
Anexo V - "Textos para 5ª serie B 1º Grau".....	21
Anexo VI -"Textos para 2ª serie do 2º grau".....	29
Anexo VII - "Exercício".....	43
Anexo VIII "Fichas de observação do Professor Orientador".....	44

Dedico Este Relatório:

À meu pai (in memoriam).

E A G R A D E Ç O,

Ao meu bom Deus, que me concedeu forças para chegar ao término deste Curso, aos professores do Curso de História pela dedicação e zelo, aos alunos e professores da Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silva, ao meu Orientador, o Prof. José Apolinário, por sua dedicação e a paciência e desvelo da Coordenadora da Prática de Ensino, a Profª Nilda, (Eronides C. Donato).

I N T R O D U Ç Ã O.

O presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência do Estágio Supervisionado no período 96.2.

A importancia deste advém da condição " sine qua non" , que o relatório se reveste para o término do Curso de Licenciatura em História.

Compreende a Prática de Ensino, o Campo de Estágio e a Experiência de sala de aula.

A Prática de Ensino, foi ministrada pela Profª Nilda, ficando o Estágio a ser realizado na Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira, tendo o estagiário, o acompanhamento de um orientador, visto que é o seu primeiro contato a com a realidade exterior, para término do Curso.

Este Relatório esta dividido em tres partes: na primeira, o capitulo I, trata da Disciplina Prática de Ensino e do Campo de Estágio. Quanto ao Campo de estágio, faço uma subdivisão escrevendo a respeito da Escola onde estagiei; Dos contatos: Professor e Orientador; A observação que executei nas aulas de meus colegas e a minha atuação (Regência) em sala de aula.

Na segunda parte, capítulo 2, escrevo a respeito da minha experiência de sala de aula com mais detalhes. Mostrarei a validade do Estágio; As mudanças metodológicas que consegui introduzi na sala de aula, dando algumas sugestões para futuros estagiários, visto as dificuldades que encontrei.

No terceiro capítulo, fiz uma conclusão, mostrando a importancia da Experiência adquirida, face a conclusão do curso de Licenciatura em História.

Capítulo 1 - A Prática de Ensino e o Campo de Estágio.

1.1 - A disciplina Prática de Ensino

A disciplina Prática de Ensino em História no 1º e 2º graus, teve como Coordenadora a Prof.ª Eronides C. Câmara, Prof.ª Nilda como é mais conhecida.

De início, distribuiu diversos textos para discussão, apoio e orientação daqueles que realmente tinham interesse, como era o caso de todos os alunos que queriam aprender a conviver com a realidade do ensino-aprendizagem.

Em algumas aulas foram discutidas algumas tendências ou abordagens do processo ensino-aprendizagem. Tiramos nossas conclusões sobre as referidas abordagens, vendo o processo dinâmico que elas passam, porque acompanham o desenvolver do ser humano. Vimos algumas abordagens que usualmente vivenciamos no ensino brasileiro, o que consideramos acertos e falhas, e o que é melhor para nossos alunos.

Outro ponto discutido na Disciplina foi a questão da avaliação, como ela é realizada em nossas escolas, o papel que ela tem junto aos alunos, a questão do valor social que representa, a temeridade dos estudantes quando do uso da avaliação imposta pelo Estado, que rege o ensino.

Vimos também, o que o estágio representa, e a realidade de algumas experiências no campo do Estágio Supervisionado. Sentimos o papel que tem o Orientador, que está ao lado do aluno para ir corrigindo as falhas.

A planificação também não foi posta de lado. Vimos o quanto é importante para quem deseja se organizar: plano de aula, plano de ensino, etc., vimos como o professor manipula os conteúdos programáticos que deve discutir ou apresentar para os alunos.

1.2.1 - A Escola.

A escola conseguida para o estágio, foi o Colégio Estadual de Bodocongó, qual seja: a Escola de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira.

É uma escola situada na periferia de Campina Grande, que atende a alunos filhos de famílias de baixo poder aquisitivo ou baixa renda no bairro mencionado e outros adjacentes, como Bela Vista, Monte Santo, Pedregal, etc.

A fundação desta escola adveio da necessidade da comunidade ter uma escola a nível de 1º e 2º graus e foi pleiteada por diversos segmentos da comunidade local e adjacente.

Hoje, a escola conta com inúmeros problemas, que é uma constante no ensino público: o descaso do governo no plano educacional, como seja, escolas sucateadas; professores sem condições de trabalho; não são oferecidas condições de materiais adequados; professores com uma carga horária em demasia.

A professora, titular da matéria História do Brasil da 5ª série, mostrou o quadro caótico em que a mesma estava inserida, quando da entrega da turma, cabendo estagiário melhorar alguma coisa dentro deste espaço e do tempo que dispunha no estágio.

1.2.2 - Os contatos: Professor e Orientador.

Em meados de outubro 96.2, a Coordenadora da Prática de Ensino, Profª Nilda, entrou em contato com a Diretora da Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira, mais conhecido por Estadual de Bodocongó, sendo franqueado pela direção da Escola algumas turmas, que posteriormente foram divididas entre os estagiários.

A Coordenadora da Prática de Ensino, ao fazer a divisão das turmas entre os estagiários, encarregou-me da 5ª série turma B do 1º grau e a 2ª série turma A do 2º Grau.

Convidei o Prof. José Apolinário para ser orientador, e o mesmo depois de verificar a disponibilidade face a sua carga de trabalho, se dispôs a me orientar, conscientizando-me da responsabilidade que a partir daquele momento assumia com o mesmo e com a escola.

No final dos contatos estava com um orientador e uma escola para estagiar, nos seguintes horários: na quarta-feira e sexta-feira, uma aula na 2ª série do 2º grau turma A, primeira aula da noite, e nas quintas-feiras com duas aulas na 5ª série do 1º grau, turma B, às 13:50 horas às 15:30 horas.

1.2.3 - A Observação e a Regência.

Visto está ministrando aulas no quarto bimestre, não foi possível observar as aulas ministradas pela professora da Disciplina História do Brasil, a nível de 1º e 2º graus, nas turmas vista acima, no Colégio Estadual de Bodocongá.

Mas, a observação realizada na escola onde estava estagiando, deve ser considerada uma prática pedagógica para o estagiário, pois o aproxima do professor-regente, e o estagiário vai ter uma nova experiência de como avaliar uma outra aula. Para que esta observação acontecesse, e não ter sido possível fazê-la pelas razões retro-mencionadas, o orientador distribuiu um roteiro (vide nos anexos) e encarregou-me de observar as aulas ministradas pelos companheiros na própria Universidade, e, que estavam servindo de complemento as outras aulas ministradas pelos colegas estagiários na Escola Estadual de Bodocongá.

Fiz a observação das aulas de quatro colegas, segundo o roteiro que me foi entregue. Foi uma experiência válida, visto que, de fora consegui detectar alguma falha e o que se podia melhorar.

Quanto a regência, coube-me para estagiar, como disse anteriormente, a 5ª série do 1º Grau, turma B, a matéria História do Brasil, com duas aulas na 5ª feira e a mesma matéria na 2ª série do 2º grau

sendo uma aula na quarta-feira à noite e outra na sexta-feira, perfazendo duas aulas semanais.

A partir de 17.10.96, o Prof. José Apolinário passou a acompanhar-me durante as aulas nas duas turmas, fazendo as observações e correções necessárias, revisando textos que eram montados e orientando como trabalhar os mesmos junto com os alunos.

No primeiro contato com a 5ª série retro mencionada, notei o desânimo dos alunos, mais comecei o trabalho com diálogo, sendo que na terceira semana, a participação nas aulas era efetivamente de 50% dos alunos, não existindo mais aquele marasmo, aquela desmotivação, aquele desânimo, que me chocou no primeiro momento.

Na caótica realidade que agora enfrentava, ministrava as aulas, as aulas sem alterar o conteúdo programático previsto no plano de ensino da escola, apenas adotando uma nova maneira de expor esse conteúdo. Passou-se a discutir com os alunos, principalmente na 2ª série do 2º grau, onde a aula se restringia a vinte e cinco minutos, por ser a primeira na quarta e na sexta-feira, onde os alunos chegavam atrasados, e, por contingência adversa só havia o toque de entrada nas salas de aula fora do horário regulamentar. Outro ponto observado durante à noite, era que os alunos, alguns vinham direto do trabalho, com sinais de cansaço e fadiga.

Fiz um levantamento na biblioteca da escola, para saber se existia uma bibliografia que pudesse ser consultada e o resultado não foi animador. Queria encaminhar os alunos da 5ª série, ensinando-os a fazer consulta, o que não foi possível.

Capítulo 2 - A Experiência de sala de aula.

2.1 - A validade do Estágio.

O estágio realizado no Colégio Estadual de Bodocongó, foi o primeiro contato que tive com a realidade do ensino, durante o período do curso de Licenciatura em História, que ora termina.

Precisei do Orientador para o preparo dos textos e de outras orientações a ser posta em prática em sala de aula.

Foi o período onde, os problemas e deficiências que tive no Curso, aflorou, voltando a rever disciplinas como Didáticas e Metodologia, essenciais em um curso de Licenciatura.

Visto as considerações anteriores sobre o estágio, vemos a importância que o mesmo detém, pois é com a prática que se põe a teoria em andamento e se corrige os erros. Os aspectos positivos do estágio, como este que ora se encerra, é que contam, e o aspecto negativo fica por conta do curto período de duração do mesmo.

2.2 - Mudanças metodológicas na sala de aula.

Nas duas turmas, 5ª série do 1º grau e 2ª série do 2º grau tinha apenas mais ou menos um mês para ministrar as aulas. Tinha decisões a tomar, mudanças a fazer.

Fiz os contatos preliminares, conhecendo os alunos, criando uma relação professor-aluno equilibrada, tentando conhecer os problemas da escola e dos alunos, com relação ao ensino-aprendizagem.

Aproveitei o conteúdo que dava continuidade ao bimestre, colocando esse conteúdo de forma questionadora, através de textos, com auxílio de mapas, tornando a aula participativa, onde os alunos questionavam a sua realidade.

No primeiro texto, depois de explorá-lo, pedi por amostragem para alguns alunos elaborarem perguntas, que foram sorteadas em sala de aula. (vide anexo). Deu certo, temos no anexo cinco perguntas, onde explorei

a capacidade de raciocínio dos alunos, coerência no conteúdo visto antes e foi uma maneira de está fazendo uma avaliação contínua.

Foi através do questionamento com os alunos, dos desafios propostos aos mesmos, que eles passaram a emitir opiniões, exercitando o raciocínio, fugindo de uma abordagem tradicionalista ou comportamentalista.

E a relação professor-aluno, como ficou no curto período deste estágio? Os alunos a ver seu professor (estagiário) um alguém que era seu parceiro na divisão dos trabalhos em sala de aula, e não aquele personagem dono da verdade, onde o aluno ficava em segundo plano.

E a metodologia aplicada, como era ela, em que se baseava, surtiu efeito? SIM, com certeza, principalmente na 5ª série, os alunos desafiados respondiam se exercitando, as questões eram baseadas em fatos reais, aquele aluno considerado peralta, irrequieto, que gostava de tumultuar a aula, tornou-se meu auxiliar, isto é, sempre tinha uma tarefa.

2.3 - Sugestões para os futuros estagiários.

O Estágio Supervisionado é o resultado final de um Curso. Tendo em vista sua importância e a experiência adquirida, podemos sugerir alguma coisa para melhorá-lo.

O primeiro ponto que ficou a desejar, foi o curto período do estágio, de um mês e poucos dias, quando na realidade, se fosse dois semestres, ter-se-ia condições de se por em prática um plano de ensino elaborado pelo estagiário, uma melhor aproximação professor-aluno. Quem sairia ganhando, além dos alunos e estagiários era a escola pública. O ideal era haver um convênio Universidade e Escola Pública, hoje tão deficitária.

O L A B E H G (Laboratório de Estudos Históricos e Geográficos), que normalmente os estagiários usam para seus trabalhos, sugiro que poderia permanecer aberto durante todo dia, pois fecha no intervalo do almoço, e é justamente o espaço que nós estudantes temos para a pesquisa.

sa. Já temos o exemplo da Biblioteca Universitária, do LAERLE que permanecem aberto o dia inteiro sem intervalo para o almoço, servindo para os alunos pesquisarem.

São algumas sugestões, que futuramente podem ser estudadas pela direção e coordenação do Estágio Supervisionado, cujas providências ficam a quem competem.

Capítulo 3 - CONCLUSÃO

Fechado o semestre e terminando o estágio em epígrafe, este relatório é a última tarefa das atividades realizadas.

Portanto, espera-se ter alcançado o objetivo. O Curso de História pode ainda realizar mais do que realiza pelos alunos.

A experiência, objeto da Prática de Ensino, ainda carece de melhorias, para aperfeiçoar o desempenho, daqueles que estão objetivando o exercício da profissão.

A conclusão do Curso, talvez seja o momento mais importante, por se revestir de um caráter, cuja mudança é a principal característica, no sentido de sair da Universidade e iniciar a profissão na sociedade.

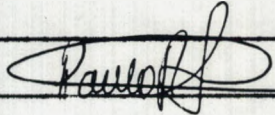
B I B L I O G R A F I A.

1. MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: As abordagens do Processo. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1986.
2. BEAUDOT, Alain. A Criatividade na Escola. São Paulo, Editora Nacional, 1975.
3. MOTA, C. Guilherme & LOPEZ, Adriana. História & Civilização: O Brasil Colonial, 2ª Ed., São Paulo, Ática, 1995.
4. SANTOS, Maria Januario Vilela. História do Brasil, 22ª Ed. São Paulo, Ática, 1985.
5. NAGLE, Jorge. A reforma e o ensino. 2ª Ed. São Paulo: EDART; Brasília, INL, 1976.
6. SILVA, Marcos A. da (org). Repensando a História, 2ª Edição, Rio de Janeiro: Marco Zero.
7. WADSWORTH, Barry J. Piaget para o Professor de Pré-escola e 1º Grau. São Paulo; Pioneira, 1987.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil - C. Grande, ____/____/1996

Prof. Orientador: _____

Prof. Estagiário: PAULO BERNARDO DA SILVA 

Coord. e Prat. Ens. _____

Serie 2ª Turma A turno NOITE

PLANO DE ENSINO

1. OBJETIVO GERAL:

Analisar os aspectos economicos, políticos e sociais do Brasil Colonial, da última década do Século XVII até o Segundo Reinado.

2.0 - UNIDADE I16 horas/aulas
02 horas/aulas prova e o restante co
conteúdo.

2.1 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar quem começou a corrida do ouro e os caminhos para as Minas;
- Compreender qual a contribuição da economia mineradora para a Colonia;
- Entender a administração da Coroa sobre a Mineração;
- Verificar a vida social nas Minas;
- Conhecer o Monopolio portugues e sua dependencia a Inglaterra;

2.2 - CONTEUDO PROGRAMÁTICO:

- A corrida do ouro e o povoamento das Gerais em 1693-1695;
- As Minas Gerais como centro polarizador da economia Colonial;
- Controle da Coroa nas Minas;
- Vida Social nas Minas: O aparecimento de novos grupos sociais;
- A mineração, o Monopolio portugues e o papel da Inglaterra;

3.0 - UNIDADE II16 horas/aulas
02 horas/aulas prova e o restante co
conteúdo.

3.1 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar a economia portuguesa antes da administração do Marquês de Pombal;
- Identificar as medidas do Marques de Pombal para o Brasil;

- Estudar a expulsão dos Jesuítas;
- Discutir aspectos sociais da Colonia no período pós-Pombalino
- Conhecer as influencias do Liberalismo europeu e o seu reflexo na Colonia;

3.2 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- Dependencia economica portuguesa da Inglaterra;
- A ação do Marques de Pombal: " O REFORMISMO ILUSTRADO";
- Fim da Admnistração temporal dos Padres com sua expulsão;
- As medidas da Coroa no período pós -Pombalino;
- Reflexo dos ideiais da Revolução francesa no Brasil;

4.0 - UNIDADE III.....18 horas/aulas
02 horas/aulas prova e o restante conteúdo.

4.1 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Discutir a **vi**nda da Corte portuguesa para o Brasil;
- Conhecer a admnistração do Império Portugues no Brasil;
- Verificar o panorama internacional na época da independencia do Brasil;
- Conhecer o processo de Independência política do Brasil;

4.2 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- Acorte portuguesa no Brasil;
- O Brasil passa a categoria de Reino Unido a Portugal;
- A reação europeia e a preponderancia Inglesa;
- A independencia "POLÍTICA" do Brasil;

5.0 - UNIDADE IV.....20 horas/aulas
02 horas aulas prova
02 horas/aula:revisão anual;
01 hora/aula:prova final.

5.1 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Distinguir os grupos políticos que participavam do poder no Segundo Reinado;
- Discutir como se deu a Regência no Brasil;
- Refletir sobre a importancia das Revoltas no período Colonial;
- Identificar os fatores do progresso e estabilidade interna do Segundo Reinado;
- Demonstrar a importancia do setor agrário do Brasil e mostrar a posição do mesmo no conjunto da economia internacional;

5.2 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO :

- Grupos políticos no poder e seu desdobramento;
- Regencia Trina Provisoria, Regencia Permanente;
- As revoltas: Cabanagem, Revolução Farroupilha, Sabinada e a ' Balaiada;
- A Prosperidade e o Progresso interno no Segundo Reinado;
- A economia agrario-exportadora no Segundo Reinado;

6.0 - METODOLOGIA :

AULA expositivo-dialogada, texto mimeografado, mapas e o roteiro para aula; Giz, quadro, etc.

7.0 - AVALIAÇÃO :

Exercicios avaliatórios, assiduidade as aulas; participação nas aulas, PROVAS ESCRITAS,

8.0 - BIBLIOGRAFIA CONSULTADA :

N A D A I, Elza e NEVES, Joana. Historia do Brasil-Da Colonia a ' Republuca. São Paulo: Saraiva, 14ª Edição, 1991.

M O T A, Guilherme & LOPEZ, Adriana. Historia & Civilização-O Bra- Sil Colonial, São Paulo: Atica, 2ª Edição, 1995.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: Historia do Brasil - C. Grande, ___/___/199___

Profª _____

Prof. Estagiária _____

Serie 2ª turma A turno noite 2º Grau.

Carga Horaria: 20 horas/aulas: 15 horas/aulas
conteúdo, 02 horas/aula prova, 02
horas aulas revisão.

PLANO DA IV UNIDADE:

1.0 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Distinguir os grupos políticos que participavam do poder no Segundo Reinado;
- Discutir como se deu a REGENCIA no Brasil;
- Refletir sobre a importancia das Revoltas no período Colonial;
- Identificar os fatores do progresso e estabilidade interna do Segundo Reinado;
- Demonstrar a importancia do setor agrário do Brasil e mostrar a posição do mesmo no conjunto da economia internacional;

1.1 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- Grupos políticos no poder e seu desdobramento;
- Regencia Trina provisoria e as Regencias Permanentes;
- As revoltas: Cabanagem, Revolução Farroupilha, Sabinada e a Balaiada;
- A Prosperidade e o Progresso interno no Segundo Reinado;
- A economia agrário-exportadora no Segundo Reinado;

2.0 - METODOLOGIA:

Aula expositivo-dialogada, texto mimeografado, mapas, roteiro para aula, quadro, giz, slides, etc.

3.0 - AVALIAÇÃO:

Exercicios avaliatórios, assiduidade as aulas; participação nas aulas, provas escritas, etc.

4.0 - BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

NADA I, Elza e NEVES, Joana. História do Brasil - Da Colonia a Republica. São Paulo: Saraiva, 14ª Edição. 1991.

MOTA, Guilherme & LOPZ, Adriana. História & Civilização - O Brasil Colonial, São Paulo: Atica, 2ª Edição, 1995.

Escola de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Prof. Estagiario: Paulo B. da Silva
Prof. Orientador: Apolinario
Coordenadora da Pratica de Ensino: Erônides C. Donato
5ª Serie - Turma B turno: Tarde
Carga horaria : 02 horas/aula/semana;
DISCIPLINA: H I S T O R I A D O B R A S I L

14-11-96

P L A N O D E A U L A

1.0 - O B J E T I V O S :

- a. Definir rebeliões nativistas;
- b. Escrever o tipo de personagens envolvidas com rebeliões;
- c. Dizer os motivos da revolta de Beckman;
- d. Contar o que aconteceu na Revolta de Beckman;
- e. Contar como terminaram as revoltas;

2.0 - C O N T E U D O Z P R O G R A M A T I C O :

- a. As dificuldades de ordem economico- financeiro e de administração da Colonia brasileira no sec. XVII;
- b. As revoltas nativistas de Beckman, Mascates e Emboabas;

3.0 - P R O C E D I M E N T O S D I D Á T I C O S

- a. Aula expositivo-dialogada com leitura explicativa de texto e aplicação de um exercicio de fixação de conteudo;

4. R E C U R S O S D I D Á T I C O S

- a. Quadro para giz, giz, texto e exercicio mimeografado;

5. A V A L I A Ç Ã O

Pela Participação e interesse na aula e resolução de exercicio;

6. B I B L I O G R A F I A :

M O T A, Carlos Guilherme & LOPEZ, Adriana. Historia & Civilização
O Brasil Colonial, Ed. ática, São Paulo, 2ª Sd., SP, 1995.

A Q U I N O, Rubim Santos L de, Historia das Sociedades: Modernas
atuais. 21ª Ed. Rev. e Atualizada. Rio de Janeiro: Ao livro
Tecnico. 1988.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA- 95.2

Proposta para a fase da observação na prática de ensino do Curso de Licenciatura em História.

A observação na escola de estágio deve ser considerada uma prática pedagógica para o estagiário, na medida em que ele se aproxime do professor-regente na condição de professor auxiliar.

Essa condição lhe permite o conhecimento da prática pedagógica do professor-regente, evitando o constrangimento de colocar-se diante do mesmo com atitudes vigilantes e policiais.

A observação deve ser utilizada de forma mais agradável, através do acompanhamento do estágio nas aulas do professor regente. Esse acompanhamento, na nossa opinião deve se proceder a partir das seguintes atitudes do estagiário:

- a) procurar o professor da turma onde vai trabalhar e colocar-se na condição de professor-auxiliar, procurando não emitir opiniões ou sugestões. A idéia é se colocar como auxiliar das práticas pedagógicas planejadas pelo professor.
- b) A observação deve ser participante:
 - . tomar conhecimento prévio do planejamento da aula, tirando dúvidas sobre os passos sugeridos no plano;
 - . auxiliar durante a aula através de:
 - escrever no quadro (se necessário);
 - colocar mapas ou recursos didáticos no quadro;
 - auxiliar nos exercícios aplicados em sala de aula (se houver).

FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

1. NOME DO ESTAGIÁRIO Bélica Jean Diniz Louro Soares
 2. NOME DA ESCOLA DO ESTAGIÁRIO _____
 3. DISCIPLINA Hist. do Brasil SÉRIE: 5ª GRAU 1ª
 4. NOME DO ORIENTADOR _____
 5. HORÁRIO DA AULA 10:00h Nº DA AULA OBSERVADA _____
 6. Nº DE ALUNOS QUE PARTICIPARAM DA AULA _____
 7. ASSUNTO DA AULA _____
 8. TÍTULO DA AULA _____

QUESTÕES A SEREM ANOTADAS NO DIÁRIO DA OBSERVAÇÃO

1. Planejamento da aula
- a) O estagiário teve acesso ao planejamento da aula do professor-regente?
 () SIM () NÃO
- DESCREVER ESSA EXPERIÊNCIA _____

2. CONTEÚDO (descrever sobre a exposição do conteúdo, explicitando o domínio, a clareza da exposição, etc).

Houve bom domínio de conteúdo;

5. METODOLOGIA: (Que aspectos da metodologia do professor-regente lhe chamam atenção?).

_____ X _____
_____ X _____
_____ X _____
Que método foi utilizado? _____ X _____

Como foi trabalhado a problematização? _____

6. RECURSOS DIDÁTICOS: (Foi utilizado recursos didáticos?).

() SIM (X) NÃO

Quais? _____

7. AVALIAÇÃO: (Foi utilizado algum sistema de avaliação?).

() SIM (X) NÃO

COMENTAR _____

6. TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM

- aula expositiva tradicional (X)
- aula expositiva dialogada ()
- aula expositiva a partir do tema gerador ()
- outros (especificar) _____

7. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO : (DESCREVER)

Foi razoável.

8. A APRENDIZAGEM:

1. Os alunos demonstraram interesse pela aula; (X) SIM () NÃO

2. Como foram manifestados esses interesses? *através de perguntas;*

9. OBSERVAÇÕES QUE ACHAR NECESSÁRIA E QUE NÃO FORAM CONTEMPLADAS PELO DIÁRIO:

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA- 95.2

11-12-96

2ª aula observada

Proposta para a fase da observação na prática de ensino do Curso de Licenciatura em História.

A observação na escola de estágio deve ser considerada uma prática pedagógica para o estagiário, na medida em que ele se aproxime do professor-regente na condição de professor auxiliar.

Essa condição lhe permite o conhecimento da prática pedagógica do professor-regente, evitando o constrangimento de colocar-se diante do mesmo com atitudes vigilantes e policiais.

A observação deve ser utilizada de forma mais agradável, através do acompanhamento do estágio nas aulas do professor regente. Esse acompanhamento, na nossa opinião deve se proceder a partir das seguintes atitudes do estagiário:

- a) procurar o professor da turma onde vai trabalhar e colocar-se na condição de professor-auxiliar, procurando não emitir opiniões ou sugestões. A idéia é se colocar como auxiliar das práticas pedagógicas planejadas pelo professor.
- b) A observação deve ser participante:
 - . tomar conhecimento prévio do planejamento da aula, tirando dúvidas sobre os passos sugeridos no plano;
 - . auxiliar durante a aula através de:
 - escrever no quadro (se necessário);
 - colocar mapas ou recursos didáticos no quadro;
 - auxiliar nos exercícios aplicados em sala de aula (se houver).

FOFOM - DE OBSERVAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

1. NOME DO ESTAGIÁRIO Eduardo de Araujo Silva

NOME DA ESCOLA DO ESTAGIÁRIO _____

DISCIPLINA História - Brasil SÉRIE 5ª GRAU 1º C

NOME DO ORIENTADOR Prof. Nilda

HORÁRIO DA AULA 11 às 12:00 Nº DA AULA OBSERVADA _____

Nº DE ALUNOS QUE PARTICIPARAM DA AULA _____

ASSUNTO DA AULA A Independência do Brasil

TÍTULO DA AULA _____

QUESTÕES A SEREM ANOTADAS NO DIÁRIO DA OBSERVAÇÃO

1. Planejamento da aula

1) O estagiário teve acesso ao planejamento da aula do professor-regente?
 SIM () NÃO

DESCREVER ESSA EXPERIÊNCIA _____

2. CONTEÚDO (descrever sobre a exposição do conteúdo, explicitando o domínio, a clareza da exposição, etc).

houve exposição do conteúdo, clara e exposta.

3. METODOLOGIA: (Que aspectos da metodologia do professor-regente lhe chamou atenção?).

3) Que método foi utilizado? aula expositiva

4) Como foi trabalhado a problematização? através de discussões

4. RECURSOS DIDÁTICOS: (Foi utilizado recursos didáticos?).

() SIM (X) NÃO

Quais? _____

5. AVALIAÇÃO: (Foi utilizado algum sistema de avaliação?).

() SIM (X) NÃO

COMENTAR _____

5. TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM

- aula expositiva tradicional ()
- aula expositiva dialogada (X)
- aula expositiva a partir do tema gerador ()
- outros (especificar) _____

6. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO : (DESCREVER)

fazem a interação entre professor-aluno;

7. APRENDIZAGEM:

7. Os alunos demonstraram interesse pela aula; (X) SIM () NÃO

8. Como foram manifestados esses interesses? faziam feitas perguntas.

9. OBSERVAÇÕES QUE ACHAR NECESSÁRIA E QUE NÃO FORAM CONTEMPLADAS PELO DIA-
RIOS: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA- 95.2

Proposta para a fase da observação na prática de ensino do Curso de Licenciatura em História.

A observação na escola de estágio deve ser considerada uma prática pedagógica para o estagiário, na medida em que ele se aproxime do professor-regente na condição de professor auxiliar.

Essa condição lhe permite o conhecimento da prática pedagógica do professor-regente, evitando o constrangimento de colocar-se diante do mesmo com atitudes vigilantes e policiais.

A observação deve ser utilizada de forma mais agradável, através do acompanhamento do estágio nas aulas do professor regente. Esse acompanhamento, na nossa opinião deve se proceder a partir das seguintes atitudes do estagiário:

- a) procurar o professor da turma onde vai trabalhar (e colocar-se na condição de professor-auxiliar), procurando não emitir opiniões ou sugestões. A idéia é se colocar como auxiliar das práticas pedagógicas planejadas pelo professor.
- b) A observação deve ser participante:
 - . tomar conhecimento prévio do planejamento da aula, tirando dúvidas sobre os passos sugeridos no plano;
 - . auxiliar durante a aula através de:
 - escrever no quadro (se necessário);
 - colocar mapas ou recursos didáticos no quadro;
 - auxiliar nos exercícios aplicados em sala de aula (se houver).

FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

NOME DO ESTAGIÁRIO Cátia Jean Duiz Loulo Maior
 NOME DA ESCOLA DO ESTAGIÁRIO _____
 DISCIPLINA HISTÓRIA BRASILEIRA SÉRIE 5ª GRAU 1º grau
 NOME DO ORIENTADOR _____
 HORÁRIO DA AULA 11 as 12:00 Nº DA AULA OBSERVADA _____
 Nº DE ALUNOS QUE PARTICIPARAM DA AULA 06 (seis) alunos
 ASSUNTO DA AULA A Independência do Brasil
 TÍTULO DA AULA A família Real portuguesa no Brasil

QUESTÕES A SEREM ANOTADAS NO DIÁRIO DA OBSERVAÇÃO

1. Planejamento da aula
 a) O estagiário teve acesso ao planejamento da aula do professor-regente?
 SIM () NÃO
 DESCREVER ESSA EXPERIÊNCIA _____

2. CONTEÚDO (descrever sobre a exposição do conteúdo, explicitando o domínio, a clareza da exposição, etc).
Houve "bons" domínios de conteúdo;

3. METODOLOGIA: (Que aspectos da metodologia do professor-regente lhe chamam atenção?).

a) Que método foi utilizado? aula expositiva

b) Como foi trabalhado a problematização? _____

4. RECURSOS DIDÁTICOS: (Foi utilizado recursos didáticos?).

() SIM (X) NÃO

Quais? _____

5. AVALIAÇÃO: (Foi utilizado algum sistema de avaliação?).

(X) SIM () NÃO

COMENTAR _____

6. TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM

- aula expositiva tradicional (X)
- aula expositiva dialogada ()
- aula expositiva a partir do tema gerador ()
- outros (especificar) _____

7. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO : (DESCREVER)

8. APRENDIZAGEM:

1. Os alunos demonstraram interesse pela aula; () SIM () NÃO

2. Como foram manifestados esses interesses? _____

9. OBSERVAÇÕES QUE ACHAR NECESSÁRIA E QUE NÃO FORAM CONTEMPLADAS PELO DIÁRIO: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA- 95.2

18-12-96
4ª aula observada.

Proposta para a fase da observação na prática de ensino do Curso de Licenciatura em História.

A observação na escola de estágio deve ser considerada uma prática pedagógica para o estagiário, na medida em que ele se aproxime do professor-regente na condição de professor auxiliar.

Essa condição lhe permite o conhecimento da prática pedagógica do professor-regente, evitando o constrangimento de colocar-se diante do mesmo com atitudes vigilantes e policiais.

A observação deve ser utilizada de forma mais agradável, através do acompanhamento do estágio nas aulas do professor regente. Esse acompanhamento, na nossa opinião deve se proceder a partir das seguintes atitudes do estagiário:

- a) procurar o professor da turma onde vai trabalhar e colocar-se na condição de professor-auxiliar, procurando não emitir opiniões ou sugestões. A idéia é se colocar como auxiliar das práticas pedagógicas planejadas pelo professor.
- b) A observação deve ser participante:
 - . tomar conhecimento prévio do planejamento da aula, tirando dúvidas sobre os passos sugeridos no plano;
 - . auxiliar durante a aula através de:
 - escrever no quadro (se necessário);
 - colocar mapas ou recursos didáticos no quadro;
 - auxiliar nos exercícios aplicados em sala de aula (se houver).

FORMULÁRIO DE OBSERVAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

1. NOME DO ESTAGIÁRIO Auricélia Lopes Pereira

2. NOME DA ESCOLA DO ESTAGIÁRIO _____

3. DISCIPLINA História SÉRIE: 6ª GRAU 1ª fase

4. NOME DO ORIENTADOR Prof. Milda

5. HORÁRIO DA AULA _____ Nº DA AULA OBSERVADA _____

6. Nº DE ALUNOS QUE PARTICIPARAM DA AULA _____

7. ASSUNTO DA AULA Revolução de 64

8. TÍTULO DA AULA _____

QUESTÕES A SEREM ANOTADAS NO DIÁRIO DA OBSERVAÇÃO

1. Planejamento da aula

2. O estagiário teve acesso ao planejamento da aula do professor-regente?
 SIM () NÃO

DESCREVER ESSA EXPERIÊNCIA _____

3. CONTEÚDO (descrever sobre a exposição do conteúdo, explicitando o domínio, a clareza da exposição, etc).
Houve bom domínio de conteúdo.

3. METODOLOGIA: (Que aspectos da metodologia do professor-regente lhe chamam atenção?).

a) Que método foi utilizado? aula expositiva

b) Como foi trabalhado a problematização?

4. RECURSOS DIDÁTICOS: (Foi utilizado recursos didáticos?).

SIM NÃO

Quais? primários

5. AVALIAÇÃO: (Foi utilizado algum sistema de avaliação?).

SIM NÃO

Comentar

6. TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM

- aula expositiva tradicional
- aula expositiva dialogada
- aula expositiva a partir do tema gerador
- outros (especificar)

7. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO : (DESCREVER)

ótimo -

8. A APRENDIZAGEM:

1. Os alunos demonstraram interesse pela aula; SIM NÃO

2. Como foram manifestados esses interesses? através de perguntas

9. OBSERVAÇÕES QUE ACHAR NECESSÁRIA E QUE NÃO FORAM CONTEMPLADAS PELO DIÁRIO:

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademir Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Profª da Materia.: _____

Prof. Estagiário.: _____

Prof. Orientador.: _____

Coordenadora da Prática de Ensino: _____

Serie 5º Turma B Data 17 / outubro / 1996

Turno: tarde Carga Horaria _____

UNIDADE: Brasil Colonia

Tema da aula (assunto):

A EXPANSÃO TERRITORIAL

Objetivos.:

- 1 . Definir expansão territorial;
- 2 . Saber o que foi o Tratado de Tordesilhas;
- 3 . Distinguir Entradas e Bandeiras;
- 4 . Escrever o que faziam os Jesuítas;
- 5 . Localizar o espaço ocupado pelo colono;
- 6 . Que atividades desenvolviam os portugueses no Brasil?

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

Escola de 1º e 2º Graus Ademir Veloso da Silveira

Disciplina: Historia do Brasil

Prof. Amelia: serie _____ Turma _____

Estagiário.: _____

Data ____/____/____ horario _____

Assunto da aula: A EXPANSÃO TERRITORIAL

Em 1850 o Brasil era um vasto território desconhecido, com grandes extensões de terra, totalmente habitada pelos nativos, chamados de índios. Antes do "descobrimento", em 1494, Portugal e Espanha assinaram um acordo chamado Tratado de Tordesilhas, que estabelecia todas as terras descobertas a leste do Meridiano de Tordesilhas, seriam portuguesas e as terras localizadas a oeste, seriam da Espanha. Se o Tratado tivesse respeitado até hoje, o Brasil não seria um país tão vasto assim quanto é hoje.

A Expansão territorial deve ser entendida como o processo de ocupação das terras brasileiras, pela exploração feita pelos portugueses.

Varias foram as formas de penetrações para o interior por parte dos portugueses. Duas se destacam no período colonial: As Entradas e as Bandeiras. As Entradas eram expedições organizadas pelo governo de Portugal, que partindo do litoral, entravam pelo interior chamado sertão, a fim de descobrir metais preciosos, como ouro e prata, além de pedras preciosas, para o rei de Portugal. As Bandeiras, eram expedições particulares, que saíam da Capitania de São Vicente, no atual Estado de São Paulo, com o fim de caçar índios para escravizá-los e descobrir metais e pedras preciosas.

As Entradas e Bandeiras praticamente se constituíram em movimentos de penetração, onde deu-se início ao conhecimento do território, em seu interior, abrindo caminhos e conhecendo índios. As Entradas eram formadas por empregados do Rei e as bandeiras formadas por portugueses, mestiços e índios escravos, que serviam de guia para os senhores.

Normalmente as Bandeiras criaram problemas para os Jesuítas. Responsáveis pela catequese dos índios, esses padres, cuidavam dos índios aqui no Brasil. Reuniam eles em aldeamento, chamado de missões, em que os índios dividiam o tempo dedicando-se a lavoura, cultivando legumes, frutas e ervas. Além dos trabalhos, havia hora para estudar, rezar. Portanto, as bandeiras sempre queriam aprisionar os índios de aldeia para vendê-los como escravos aos senhores de Engenho.

É bom não esquecer que o lugar mais ocupado pelo português foi a costa brasileira. Esse foi o primeiro espaço ocupado, trabalhando na administração do Engenho e mais tarde na criação de gado.

De 1500 até 1700 os índios mandavam no interior do Nordeste

Escola de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil - 5ª série turma B

Prof.ª

Estagiário:

Exercício: Dia 31 / out / 1996.

01.....	T								
02.....	E								
03.....	R								
04.....	R								
05.....	I								
06.....	T								
07.....	O								
08.....	R								
09.....	I								
10.....	A								
11.....	L								

- 01- Acordo ou convenio celebrado sobre determinado causa, terra ou outro problema entre dois interessados;
- 02 - Movimento de penetração formado por empregados do Rei;
- 03 - Esposo da Rainha, que dirigia o governo de Portugal (função)
- 04 - Nome de um tratado celebrado entre Portugal e Espanha em 1494;
- 05 - Movimento de penetração formado por Portugueses, mestiços e índios, que serviam de guia;
- 06 - Padres e/ou religiosos pertencentes a Companhia de Jesus que trabalhavam no Brasil;
- 07 - Animal que produz carne, leite e couro, cuja criação também permitiu a penetração do homem no interior;
- 08 - Outro nome dado aos exploradores ou desbravadores, que aprisionavam os índios de aldeia para vendê-los como escravos aos senhores de Engenho
- 09 - Local, também chamado de aldeamento. O nome real designa o local em que os índios e Jesuítas dividiam o tempo, dedicando-se à lavoura, cultivo de legumes, frutas, estudando, rezando etc.
- 10 - Nome dado ao trabalho dos Jesuítas ensinarem a rezar, estudar, fazer orações;
- 11 - Nome do país, também Colonia Portuguesa da America do Sul, onde se deu uma expansão territorial, cujo tratado não foi respeitado;

Obs. As respostas estão no texto-base distribuído. Depois de responder grife as palavras, no mencionado texto.

ESCOLA DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Professora: AMÉLIA

Estagiário: Paulo de Almeida Silva

Turno: Tarde Série: 5ª Turna: "B"

14-11-96

Tema da Aula: As Rebeliões Nativistas

Objetivos: 1- No final da aula o aluno deverá:

- 1- Definir rebeliões nativistas;
- 2- Escrever o tipo de personagens envolvida com rebeliões;
- 3- Dizer os motivos da revolta de Beckman;
- 4- Contar o que aconteceu na revolta de Beckman;
- 5- Contar como terminou a revolta.

Durante o século XVII, Portugal enfrentou dificuldades de ordem econômico-financeiro e de administração da colônia brasileira. A escravidão dos índios e dos negros era um problema permanente. Estes fugiam ou se revoltavam, e esta era uma preocupação das elites na colônia.

Para solucionar as dificuldades, a Coroa iniciou uma série de reformas, visando controlar e centralizar a administração da colônia. Essas reformas provocaram disputas entre funcionários do governo e colonos, senhores de engenho e comerciantes, bandeirantes e jesuítas. Estas disputas foram chamadas de rebelião nativistas, que eram lutas para diminuir a opressão dos impostos e da administração portuguesa, aqui na colônia.

A Revolta de Beckman em 1684

Em 1684, os colonos do Maranhão revoltaram-se contra as autoridades portuguesas. Essa revolta tinha como motivo a dificuldade dos colonos em não possuir escravos para o trabalho na lavoura e a falta de produtos de consumo vindos da metrópole. Acontece que ambos eram caros e não havia dinheiro para comprar tais produtos e escravos. Os senhores não dispunham de dinheiro. A solução encontrada foi escravizar os índios das missões dos padres jesuítas. Os colonos queriam os índios como escravos e os padres defendendo da escravidão. Nessa ocasião, a Coroa criou a Companhia de Comércio do Maranhão para fornecer escravos, bacalhau e azeite de oliva para os colonos. Acontece que a companhia não cumpriu o trato. Em 1684, Manoel Beckman, senhor de engenho, chefou uma revolta contra as autoridades da companhia e dos padres. Os armazéns da companhia foram ocupados, os jesuítas presos e o governador da capitania do Maranhão deposto. Manoel Beckman assumiu o governo, mas não conseguiu resolver os problemas dos colonos, provocando revolta destes. A coroa mandou outro governador ao Maranhão, conseguindo sufocar a revolta. Beckman foi enforcado e os demais presos e deportados para Portugal.

Guerra dos Mascates e Emboabas

Objetivos: 1- Contar a Guerra dos Mascates e Emboabas
2- Dizer os motivos da Guerra dos Mascates, dos Emboabas
3- Contar como terminou ambos.

A Guerra dos Mascates

Terminada a revolta no Maranhão, em 1709 ocorreu a Guerra dos Mascates, em Pernambuco. Olinda era a principal cidade da Capitania de Pernambuco, onde moravam os senhores de engenho. Recife, era o ponto que cresceu com a presença dos holandeses e os comerciantes ricos eram chamados de mascates pelos senhores de Olinda. A guerra se dá entre ambas as categorias da mesma elite. Mascate era nome dado aos comerciantes do Recife.

Os motivos da guerra dos mascates foram os seguintes:

Os senhores de engenho de Olinda sempre negociaram diretamente com a coroa, sem intermédio de comerciantes; as mudanças administrativas impostas pela coroa mudaram as figuras do poder econômico na colônia; os senhores de engenho ficaram mais "pobres"; o governador passou a morar no Recife a situação piorou e principalmente quando o Recife se tornou vela em 1709, ficando independente de Olinda. No ano de 1810, houve tentativa de assassinar o governador, que fugiu para a Bahia. Com a chegada de novo governador em 1711, Felix Machado, a situação acalmou. Os chefes do movimento de Olinda foram presos e enviados para Lisboa e seus bens confiscados. Ganhou a luta os comerciantes do Recife, que se tornou a sede da capitania.

Guerra dos Emboabas (108 -1709)

Emboaba foi o nome dado pelos sertanejos paulistas, pioneiros na descoberta das minas, aos recém-chegados do litoral, de outras regiões do Brasil e aos novatos de Portugal, para as Minas Gerais.

Os sertanejos paulistas ao discriminaram os outros habitantes, arranjaram uma grande guerra, pois, todos os outros se uniram e expulsaram os paulistas.

Os dois grupos rivais pediram auxílio à coroa, que enviou novo governador e criou uma nova estrutura administrativa.

Bibliografia consultada:

MOTA, Carlos Guilherme & LOPEZ, Adrina. História & Civilização, O Brasil Colonial, Ed. atica, São Paulo, 2ª Ed., SP. 1995.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Alomar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Profª da Matéria.: _____

Prof. Estagiário.: _____

Prof. Orientador.: _____

Coordenadora da Prática de Ensino: _____

Serie Bº Turma B Data 24 / 11 /1996

Turno: Tarde Carga Horaria _____

UNIDADE: BRASIL: COLONIA

Tema da aula (assunto):

Lutas e Revoltas na Colonia

Objetivos.:

1. Diferenciar a revolta de Felipe dos Santos, da Inconfidência Mineira e da Conjuração Baiana;
2. Escrever o que queriam os revolucionários;
3. Contar como terminaram as revoltas mencionadas.

Bibliografia: (vide no final do texto produzido).

Escola de 1ª e 2ª Graus Ademir Veloso da Silveira

Disciplina : História do Brasil

Serie _____ turma _____ turno _____ data ____/____/____

Professora _____

Estagiário _____

Aluno _____

1. A Revolta de Felipe dos Santos. (Vila Rica - 1720)

Essa revolta deveu-se ao grande descontentamento da população de Minas Gerais, com o sistema de cobrança de impostos adotado pelo governo de Portugal. Chamava-se o Quinto. Chefiou essa revolta o fazendeiro chamado Felipe dos Santos que queria o fim das casas de Fundição e o perdão incondicional dos devedores da Coarua. O Governo das Minas Gerais, o Conde de Assumar, prometeu resolver a situação mas em vez disso, reprimiu violentamente, prendendo os revoltosos incendiando suas casas, enforcando e esquartejando Felipe dos Santos.

2. A Inconfidência Mineira (Vila Rica - 1798)

Depois de 1750, a Rainha D. Maria I de Portugal, proibiu o funcionamento de qualquer fábrica no Brasil. Todos os artigos que antes eram feitos aqui, mesmo em pequenas oficinas, passaram a vir de Portugal.

Neste mesmo período, o Governo português passou a exigir cem arrobas de ouro, imposto chamado Derrama, até daqueles que não eram mineradores. Essa cobrança era feita de forma violenta, pois soldados invadiam as casas e obrigavam todas as pessoas pagarem uma certa quantia devida.

Em Vila Rica, um grupo de pessoas se reuniam secretamente para planejar uma revolta contra Portugal, tornando independente o Brasil com a criação de um governo sob a forma de República. Tais pessoas, estudaram na Europa, em sua maioria, e tinham entrado em contato com as idéias dos pensadores franceses. Joaquim José da Silva Xavier, foi considerado chefe dos Revoltosos, tendo outros componentes importantes como Padres, Juizes, Advogados, etc., Porém um deles, chamado Silvério dos Reis, traiu o plano dos Revoltosos, sendo Tiradentes e outros presos, e como Tomás Antonio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e o Condego Luis Vieira, também considerados ideólogos.

3. A Conjuração Baiana (Bahia - 1798)

A Conjuração Baiana foi motivada, principalmente pela situação de pobreza em que vivia grande parte da população da Bahia e pelo desejo de Liberdade, Igualdade e Independência de numerosas pessoas da Bahia. Os revolucionários pretendiam proclamar a Independência, criar uma

República no Brasil, acabar com a escravidão e conseguir melhores condições de vida para todo o povo. A conjuração Baiana foi também conhecida como revolta dos Alfaiates, pois estes participavam em grande número. Foi denunciado por um de seus participantes, José da Veiga. Alguns revolucionários conseguiram escapar, outros foram presos e processados, sendo quatro deles enforcados para dar exemplo. Os membros da Elite da Sociedade que participaram da Conjuração foram absolvidos.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

MOTA, C. Guilherme & LOPEZ, Mariana. História & Civilização: O Brasil Colonial. São Paulo: Atica, 2ª Edição, 1995.

SANTOS, Maria Januario Vilela. História do Brasil, São Paulo: Atica, 22ª Edição, 1985.

EXERCÍCIO:

- 1º) Em que são semelhantes as revoltas estudadas?
- 2º) Em que são diferentes as revoltas estudadas?
- 3º) Quais os objetivos dos revoltosos em cada movimento?

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Atemar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Profª da Materia.: _____

Prof. Estagiário.: _____

Prof. Orientador.: _____

Coordenadora da Prática de Ensino: _____

Serie 5.º Turma B Data 07 / novembro / 1996

Turno: tarde Carga Horaria _____

UNIDADE : BRASIL COLONIA

Tema da aula (assunto):

Rebeliões Nativistas (Lutas e Revoltas da Colonia)

1. A Revolta de Beckmam em 1684 (Maranhão)

Objetivos: No final da aula o aluno deverá

1. Definir Rebeliões Nativistas;
2. Escrever o tipo de personagens envolvido com Rebeliões;
3. Dizer os motivos da Revolta de Beckmam;
4. Contar o que aconteceu na Revolta de Beckmam;
5. Contar como terminou a Revolta;

2.0. Guerra dos Mascates (Pernambuco:1709) e Emboabas (Minas Gérias: 1708-1709)

Objetivos:

- 2.1 Contar a Guerra dos Mascates e Emboabas;
- 2.2 Dizer os motivos da Guerra dos Mascates e dos Emboabas;
- 2.3 Contar como terminaram ambas.

(Bibliografia consultada:(vide no final do texto produzido).

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademir Veloso da Silveira

Disciplina : História do Brasil

Serie _____ turma _____ turno _____ data ___/___/1996.

Professora _____

Professor Estagiário _____

Prof. Orientador _____

Tema da Aula: Rebeliões Nativistas (Lutas e Revoltas da Colônia)

Durante o século XVII, Portugal enfrentou dificuldades de ordem econômico-financeira de Administração da Colônia Brasileira. A escravidão dos índios e dos negros era um problema permanente. Estes fugiam ou se revoltavam, e esta era uma preocupação das Elites da Colônia.

Para solucionar as dificuldades, a Coroa iniciou uma série de reformas, visando controlar e centralizar a administração da Colônia. Essas reformas provocaram disputas entre funcionários do governo e colonos, senhores de Engenho e comerciantes, bandeirantes e Jesuítas. Estas disputas foram chamadas de Rebeliões nativistas, que eram lutas para diminuir a opressão dos impostos e da Administração portuguesa, aqui na Colônia.

1. A Revolta de Beckman em 1684 (Maranhão)

Em 1684, os colonos do Maranhão revoltaram-se contra as autoridades portuguesas. Essa revolta tinha como motivo a dificuldade dos colonos em não possuir escravos para o trabalho na lavoura e a falta de produtos de consumo vindos da metrópole. Acontece que ambos eram caros e não havia dinheiro para comprar tais produtos e escravos. Os senhores não dispunham de dinheiro. A solução encontrada foi escravizar os índios das missões dos padres Jesuítas. Os colonos queriam os índios como escravos e os padres defendiam da escravidão. Nessa ocasião, a Coroa criou a Companhia de Comércio do Maranhão para fornecer escravos, bacalhau e azeite de Oliva para os colonos. Acontece que a Companhia não cumpriu o trato. E, em 1684, Manuel Beckman, senhor de Engenho, chegou a uma revolta contra as autoridades da Companhia e os padres. Os armazéns da Companhia foram ocupados, os Jesuítas presos e o governador da Capitania, deposto. Manuel Beckman assumiu o governo, mais não conseguiu resolver os problemas dos colonos, provocando a revolta destes. A Coroa mandou outro Governador ao Maranhão, conseguindo sufocar a revolta. Beckman foi enforcado e os demais presos e deportados para Portugal.

2. A Guerra dos Mascates - (Pernambuco - 1709)

Terminada a revolta no Maranhão, em 1709 ocorreu a Guerra dos Mascates, em Pernambuco. Olinda era a principal cidade da Capitania de Pernambuco, onde moravam os senhores de Engenho. Recife, era o ponto que cresceu com a presença dos holandeses e os comerciantes ricos chamados de Mascates pelos senhores de Olinda. A guerra se dá entre as categorias da mesma elite. Mascate era nome dado aos comerciantes do Re-

cife.

Os motivos da Guerra dos Mascates foram os seguintes: Os Senhores de Engenho de Olinda, sempre negociaram diretamente com a Coroa sem intermédio de comerciantes; as mudanças administrativas impostas pela coroa mudaram as figuras do poder econômico na Colônia; Os senhores de Engenho ficaram mais "pobres"; o governador passou a morar no Recife e a situação piorou principalmente quando o Recife se tornou VILA, em 1709, ficando independente de Olinda. No ano de 1710, houve de assassinar o governador, que fugiu para a Bahia. Com a chegada do novo governador em 1711, Félix Machado, a situação acalmou. Os chefes do movimento de Olinda foram presos e enviados para Lisboa e seus bens confiscados. Ganhou a luta os comerciantes do Recife, que se tornou a sede da Capitania.

3. Guerra dos Emboabas (1708-1709) Minas Gerais.

Emboabas foi o nome dado pelos sertanejos paulistas, pioneiros na descoberta das Minas, aos recém-chegados do litoral, de outras regiões do Brasil e aos novatos de Portugal, para as Minas Gerais.)

Os sertanejos paulistas ao discriminarem os outros habitantes arranjaram uma grande guerra, pois todos os outros se uniram e expulsaram os paulistas.

Os dois grupos rivais pediram auxílio a Coroa, que enviou novo Governador e criou uma nova estrutura administrativa.

Bibliografia Consultada:

MOTA, C. Guilherme & LOPEZ, Adriana História & Civilização: O Brasil Colonial. São Paulo: Ática, 2ª Edição, 1995.

COLEGIO ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

MATERIA: HISTORIA DO BRASIL

SERIE _____ TURMA _____ DATA _____/_____/1996

EXERCICIO: L O T E R I A :

MARQUE com UM "X" a COLUNA nº 01, do MEIO ou CLUNA 02, que estiver com a RESPOSTA CORRETA.:

01.	A Revolta de Beckmam foi:em:	São Paulo 1786	Maranhão 1884	Minas Gerais 1684
02.	A Guerra dos Mascates se deu entre:	Paraíba e Pernambuco	Olinda e Recife.	Minas Gerais e S. Paulo
03.	Chefiou a Revolta no Maranhão	José da Veiga	Félix Machado	Manuel Beckmam
04.	Criou a Companhia de Comercio do Maranhão	A COROA	O Governador do Maranhão	O Governador Geral
05.	Era uma preocupação das Elites da Coroa:	A calma reinante	Fuga e revolta dos negros/indios.	não havia preocupação
06.	As rebeliões nativistas eram lutas para:	disputar torneio	para libertar o Brasil	Para diminuir opressão da Coroa
07.	As reformas do governo portugues no periodo colonial provocaram:	Uma calma na Colonia	Uma disputa entre funcionarios do governo e colonos	uma guerra entre negros e indios
08.	Mascates eram nomes dados aos comerciantes de :	Recife	Olinda	Minas Gerais
09.	A Guerra dos Mascates se deu entre:	Olinda e Recife	Recife e João Pessoa	Pernambuco Maranhão
10.	Emboabas foi o nome dado:	Aos pernambucanos	aos Sertanejos paulistas	Aos Maranhenses.
11.	Na guerra dos emboabas pediram auxilio a COROA	os sertanejos paulistas	Os dois grupos rivais	Os portugueses
12.	Os chefes do movimento de Olinda foram:	Elogiados	Presos e tiveram seus bens confiscados	nada sofreram
13.	Manuel Beckmam no final da Revolta:	Nada sofreu	foi enforcado	foi p/Portugal.

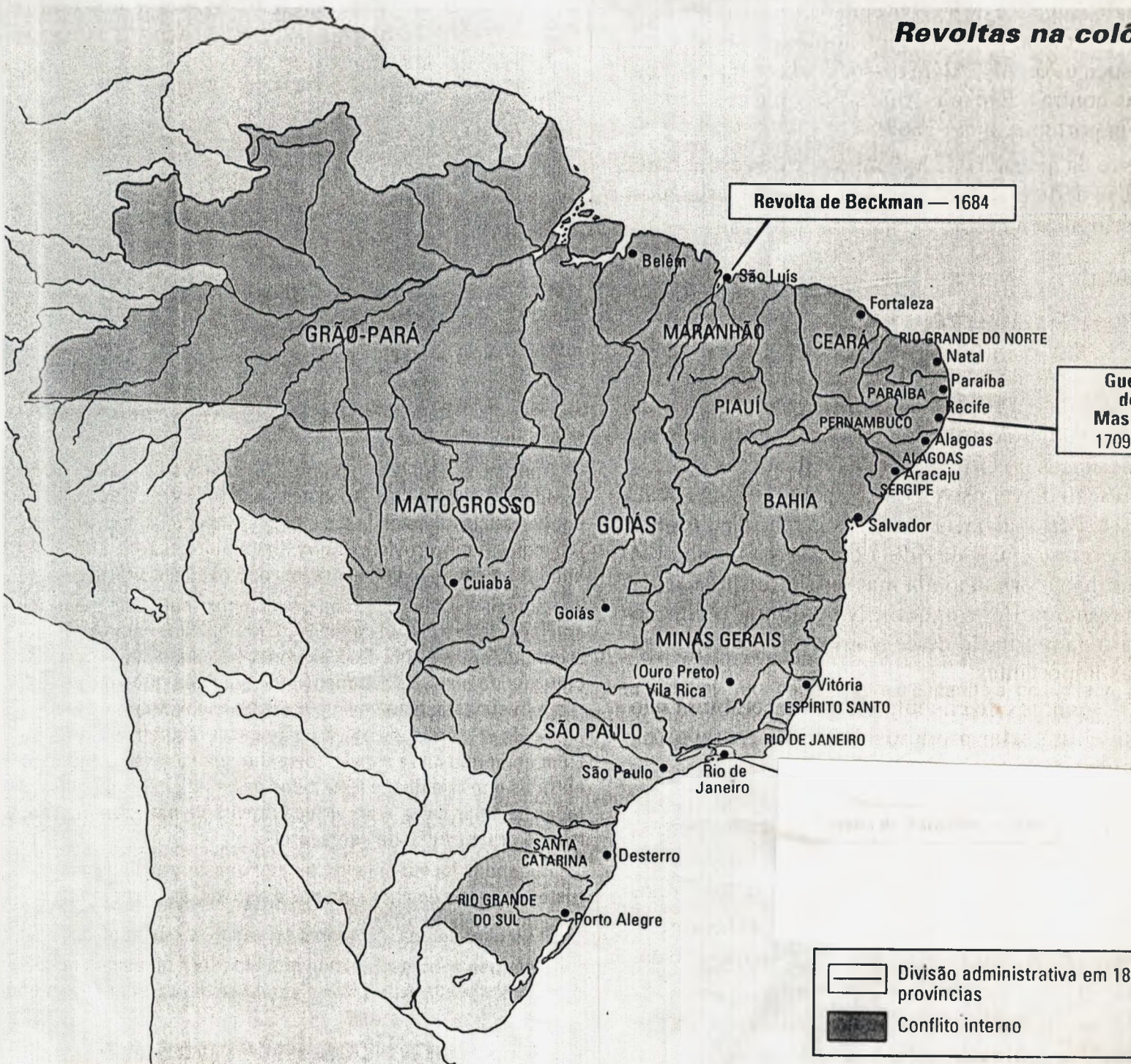
Obs. Se você acertou até 05 : PRECISA ESTUDAR MAIS;

Se você acertou entre 04 e 09: VAI BEM

Se você acertou entre 9 e 12: Vai muito Bem

SE VOCE ACERTOU TODAS: " E UM GENIO E NAO SABIMOS" !!!

Revoltas na colô



Neste mapa, podemos ver os locais onde ocorreram conflitos com as autoridades portuguesas durante o período colonial. Uma das principais causas desses conflitos foi a atitude adotada pela coroa de Portugal após o fim das guerras contra a Espanha e o fim da união ibérica. Até então, a coroa havia mantido um controle relativo sobre as colônias. Os conflitos se manifestaram de forma generalizada, atingindo todos os setores da sociedade colonial. Em 1680, os moradores do Rio de Janeiro se rebelaram contra o governador em exercício. A Revolta de Barbalho, como ficou conhecida, foi contra o abuso fiscal das autoridades metropolitanas. Em 1684, Manuel Beckman, senhor de engenho do Maranhão, chefiou uma revolta contra as autoridades da Companhia de Comércio encarregada do comércio local e os padres jesuítas que privaram os colonos dos trabalhos. Em 1709, eclodiu um conflito entre os senhores de engenho de Olinda, em Pernambuco, e os ricos comerciantes de Recife, chamados por aqueles de "mascates".

Escola de 1º e 2º Graus Memar Veloso da Silveira

Disciplina : História do Brasil

Profª da Materia: _____

Profª Estagiário: _____

Prof. Orientador: _____

Coordenador(a) da Pratica de Ensino: _____

serie 2ª Turma A - 2ª Grau Data 30 / out / 1996.

Turno noite Carga horaria 6000

UNIDADE.: 4ª BIMESTRE

Tema da aula (assunto)

Período Regencial (1831-1840)

Objetivos:

1. Distinguir os grupos políticos que participavam do poder e seu posicionamento;
2. Escrever quais foram as Regencias e as figuras mais importantes
3. Descrever como estava a situação economica e social no período Regencial;
4. Contar os motivos das revoltas: Cabanagem no Pará; Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul; Sabinada na Bahia e Balaiada no Maranhão;
5. Dizer como terminaram as revoltas no governo Regencial;
6. Mostrar o papel que desempenhou o governo regencial;

(
Bibliografia consultada: Vide no final do texto produzido

Colegio de 1º e 2º Graus Alomar Veloso da Silveira

Materia: _____

Profª: _____

Estagiario: _____

Turma A serie 2º do 2ºº horario noite

Assunto da aula: Período Regencial (1831-1840)

Após abdicação de D. Pedro I, a classe dos grandes proprietários de terras e escravos dominou a cena política do país. Este período foi marcado por grandes revoltas socio-políticas, geralmente 'iniciados pela classe média, depois abrangindo as classes populares;'. Estes grupos desejavam reformas profundas. Porém, sem um plano ideológico e uma estratégia pre-estabelecida, foram contidos pela repressão do governo Imperial. Este foi um período de auge da Elite agrária no Brasil. Conseguiu a estabilidade política, pois se revezavam no poder (liberais e conservadores) havendo uma suposta pacificação democrática sem a participação popular e, econômica, já que a cultura do café proporcionou mais divisas e uma série de empreendimentos modernizadores.

A situação política brasileira. Temos três grupos no poder: 1. Restauradores: defendia o retorno de D. Pedro I ao governo do Brasil. Era composto de alguns militares e grandes comerciantes portugueses; Seu órgão de divulgação de suas ideias políticas foi o jornal Caramuru. 2. Moderados: Defendiam o regime monárquico, mas não estavam dispostos a aceitar um governo absolutista e autoritário. Lutava para manter o poder centralizado no Rio de Janeiro e a unidade territorial. Representavam os interesses econômicos dos grandes proprietários de terra de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro. Seu jornal de divulgação era a Aurora Fluminense. 3. Liberais exaltados: Defendiam um maior poder administrativo para as províncias, ou seja a descentralização do Rio de Janeiro. Defendia a mudança para o regime Republicano. Era composto por liberais das grandes cidades. Seu meio de comunicação era o República e A Malagueta.

A partir de 1834, os restauradores e os liberais exaltados tiveram sua participação no poder anulado. Dominaram os progressistas e Regressistas, uma cisão dos moderados. Os Regressistas não estavam dispostos a ceder nada aos liberais exaltados. Eram de acordo com o poder legislativo centralizado no Rio de Janeiro e lutavam pela ordem pública e centralização do poder. Os PROGRESSISTAS eram favoráveis a um governo forte, centralizado, porém cediam a algumas propostas dos liberais exaltados, por exemplo: maior autonomia administrativa das províncias.

A partir de 1840, os regressistas assumiram a denominação de Partido Conservador, e os Progressistas de Partido Liberal. Sem significativa diferença um do outro. Dominaram o cenário político durante o Segundo Reinado.

(Período Regencial -1831-1840) continuação

A constituição estabelecia, que, o governo brasileiro seria exercido por um conselho de tres regentes, eleitos pelo Legislativo, até D. Pedro de Alcantara, atingir a maioridade.

A Regencia Trina Provisória (07-04-31 à 17/06/1831)

Por recesso parlamentar, foi escolhido um conselho Regente provisório até a escolha de um permanente. Sua principal medida, foi convocar os demais políticos para escolher a Regencia Permanente.

A Regência Trina Permanente: (1831-1835)

Esta Regencia se contrapunha aos liberis exaltados e aos restauradores. Era formada por políticos das regiões Norte e Sul que representavam os interesses dos moderados. O Grande nome foi o Pe. Diogo Feijó, que ocupou o Ministerio da Justiça. Teve grande atuação para coibir as agitações populares. Criou a Guarda Nacional (tropas Contoladas por estrangeiros). Pediu demissão em 1832. Em 1834, além da morte de D. Pedro I, houve reforma na Constituição do Imperio pra tentar acomodar as diversas facções políticas. Vejamos algumas mudanças: 1. Regencia exercida por quatro anos e uma única pessoa, escolhida por eleição nacional; 2. Rio de Janeiro, como Municipio Neutro, sede do governo da Corte; 3. Criação nas provincias de Assembleias Legislativas com poderes de elaborar Leis referentes a questões locais.

A Regencia do Pe. Diogo Feijó:

Venceu as eleições contra o deputado pernambucano 'Francisco Paula Albuquerque; foi acusado de não por ordem no país.' Explodiram rebeliões como a Cabanagem no Pará e a Farrroupilha no Rio Grande do Sul, renunciou por problemas de saúde. Foi entregue o, poder ao Ministro Pedro de Araújo Lima, Pernambucano e representante dos progressistas. Após as eleições seu nome foi confirmado como regente.

Regencia de ARAUJO LIMA (1837-1840)

Fez mudanças no Ministerio, utilizando-se de Políticos regressistas ou progressistas. Seu governo caracterizou-se por violenta repressão ou revoltas políticas que ocorriam no Brasil. Houve a centralização do poder, onde limitava o poder das provincias. A politica e a Justiça ficaram sob o controle direto do poder central.

A situação economica do período.

- Crise acentuada pela liberação das tarifas alfandegarias onde a nossa economia ficava restrita a flutuações internacionais. Crise como a do açúcar, do algodão e do couro, daí a necessidade de encontrar um novo produto para se impor ao mercado internacional.

- Indenização de dois milhões de Libras a Portugal pela nossa Independência;

- Despesas com operações militares para combater as rebeliões;

- Tomar dinheiro emprestado era a atitude tomada, onde apenas aumentava a dependencia financeira aos países que emprstavam. Vários descontentamentos das camadas populares e classe media urbana aco

aconteceram, pois reivindicavam participação no poder político nacional.

Em meio a crise econômica e as convulsões sociais, a classe dominante tinha interesse em organizar o Estado e garantir a União Nacional, desta forma rechaçar os movimentos separatistas ou divisionistas que se organizavam nas províncias.

As rebeliões do período Regencial:

1. A CABANAGEM - (1835-40) -Pará. Revolta contra o governo Imperial que explorava a população paraense, em especial os cabanos; Gente humilde, moradores de cabanas, negros, e índios e mestiços. Viviam a beira dos Rios, em estado de absoluta miséria. A revolta tentava modificar a situação de injustiça social de que eles eram vítimas, daí tentar tomar o poder da Província. Conseguiram em 1835, ocupar Belém e executar o presidente local, mais em 1840, após estarem bastante desorganizados, o movimento foi rechaçado pelas tropas imperiais, tanto local, quanto com o reforço vindo do Rio de Janeiro.

2. A REVOLUÇÃO FARROUPILHA : (1835-1845) Rio Grande do Sul.

Foi a mais longa de todo período imperial. O principal motivo desta revolução foi econômico, já que o governo imperial não estava protegendo este comércio que sofria concorrência de outros países : Argentina, Uruguais e Paraguai, proporcionando grande descontentamento, pois o imposto cobrado também era alto sobre a carne de charque, principal produto da Província. Entre outras razões ainda temos: a luta entre liberais exaltados farroupilhas e os moderados; os principais, digo, os primeiros eram favoráveis a uma maior liberdade administrativa para a sua Província, influência das ideias republicanas que frutificavam incipientemente em nosso país. Cessou em 1842, com um acordo entre os líderes revoltosos e o Duque de Caxias, porém o desfecho final foi em 1845, já no segundo reinado, com exigência de anistia para os revoltosos direito dos farroupilhas ingressar nas tropas imperiais e os escravos fugitivos continuarem em liberdade.

3. Sabinada (1837-1838) Bahia.

Derivado do nome do médico Francisco Sabiço A. de R. Vieira, tinha o interesse de decretar a República da Bahia até que D. Pedro de Alcântara se torne de maioridade. Foi uma revolta da Classe média, sem a participação popular, portanto não havia interesse em mudar o quadro social vigente. A rendição efetivou-se em março de 1838, após o envio de tropa do governo Regencial, quando o líder foi condenado à prisão.

4. A Balaiada (1838-1841) Maranhão.

Envolveru um grande número de sertanejos. Seu palco foi o Maranhão onde se destacaram dois grupos políticos: os beneditinos (representantes das classes médias urbanas) e os cabanos (representantes da aristocracia rural). Os primeiros defendiam posições mais liberais, enquanto os cabanos posições mais conservadoras. Um conflito

pg 04

entre grupos em 1838, originou à revolta, esta que não tinha organização consistente e nem objetivos definidos. Pode-se afirmar que não foi um movimento único, mais um conjunto de ações isoladas. Foram enviadas tropas para conter a revolta, algo fácil, pois os próprios políticos ben-ti-vis, perdendo o controle dos sertanejos, resolveram apoiar as tropas governamentais. Este combate terminou apenas durante o governo de D. Pedro II.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.:

CONTRIM, Gilberto. História do Brail para uma Geração Consciente. São Paulo: Saraiva, 10ª Edição, 1990.

COTRIM, Gilberto. História e Consciência do Brasil. São Paulo: Saraiva, 10ª Edição, 1994.

Escola de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Prof. Orientador: Prof. Apolinário

Prof. Estagiário Paulo Bernardo da Silva

Prof. Titular _____

Serie 2º do 2º grau Turma A Turno noite Data / /196

EXERCICIO

1º) Preencha o espaço vazio com o termo adequado:

- a) O partido _____ defendia o retorno de D. Pedro ao Governo do Brasil.
- b) Após a abdicação de D. Pedro I a classe dos _____ dominaram a cena política do país.
- c) O Partido _____ defendia o regime Monarquico, mais não estava disposto a ceitar um governo absolutista e autoritário.
- d) O Partido _____ defendia um maior poder administrativo para as provincias.
- e) O Brasil pagou a Portugal dois milhoes de Libras pela _____.

2º) Leia com atenção as frases abaixo, e, no final marque a alternativa correta com "C" e a alternativa errada com "E":

- a) **A constituição do Império foi votada pelo Parlamento em 1824(_____)**
- b) Atpe D. Pedro de Alcantara alcançar a maioria o governo seria exercido por tres regentes, assim estabelcia a Constituição(_____)
- c) Durante o recesso Parlamentar foi escolhida uma Regencia Permanente(_____)
- d) A Regencia Trina Permanente se contrapunha aos liberais exaltados e aos restauradores(_____)
- e) Com a crise do açúcar, do algodão e do couro no mercado internacional houve necessidade de se encontrar um novo produto(_____)
- f) A Cabanagem, revolução **Farrapoilha** e a Sabinada eram revoltas contra o governo Imperial(_____)

3º) Leia o texto e faça com suas palavras uma interpretação dos mesmos (15 linhas no Minino).

Escola de 1º e 2º Graus Memar Veloso da Silveira

Disciplina : História do Brasil

Profª da Materia: _____

Profª Estagiário: _____

Prof. Orientador: _____

Coordenador(a) da Pratica de Ensino: _____

serie 2ª Turma A do 2º grau Data 13 / 14 /1996.

Turno noite Carga horaria ~~6666~~ _____

uUNIDADE.: _____

Tema da aula (assunto)

A ECONOMIA NO II REINADO.

Objetivos:

- 01 . Identificar fatores do ~~progresso~~ e estabilidade interna do Segundo Reinado;
- 02 - Demonstrar a importancia do setor agrario do Brasil; ~~consequencia;~~
- 03 - Mostrar a posição do Brasil no conjunto da economia internacional;
- 04 - Escrever sobre as mudanças ocorridas na economia do Segundo Reinado;

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

D i s c i p l i n a : História do Brasil

Serie _____ Turma _____ turno _____ data ____/____/1996.

Professora _____

Prof. Estagiário: _____

Aluno: _____

Assunto da aula:

1. Economia no Segundo Reinado.

A vida econômica no segundo reinado é percebida como um processo no qual as transformações, na medida em que se ligam à própria emancipação do país, representam prosperidade e progresso. A instabilidade econômica identifica-se com o progresso que caracterizaria a época de D. Pedro II. Uma série de dados concretos poderia confirmar essa imagem positiva do período: na década que se segue a 1850, fundaram-se 62 Empresas industriais, 14 bancos, 3 caixas econômicas, 20 companhias de Seguro, 4 companhias de colonização, 8 de mineração, 3 de transporte urbano, 2 de gás e 8 estradas de ferro. Contudo, a principal nota de prosperidade econômica era, ainda dada pelo crescimento da produção agrícola, em outras palavras, o setor agrário continuava dominando a vida econômica do país.

O café tornou-se o principal produto da economia brasileira, com uma produção destinada a exportação em larga escala, no vale do Paraíba e depois em todo interior paulista. Tinhamos outros produtos agrícolas produzindo em menor escala: Cacaú na Bahia, borracha na Amazonia e algodão no Nordeste. A pecuária era uma atividade econômica importante no Sul do país, inclusive responsável pela ocupação e povoamento, a partir da segunda metade do Século XIX.

Neste panorama de prosperidade econômica, é preciso destacar a natureza mercantilista das atividades. Com exceção da criação de gado, toda produção brasileira destinava-se ao mercado externo. Preocupava-se em atender ao comércio exterior: procurava-se produzir uma grande quantidade a custos reduzidos, objetivando uma maior margem de lucro. Exportava-se produtos primários (que, por sua vez, absorviam todos os recursos produtivos) e se via na contingência de importar as manufaturas e os demais gêneros, que vinha em grande escala da Inglaterra.

Assim, a grande propriedade agrária, escravista e monocultora permaneceu como o núcleo da vida econômica do Brasil Monárquico.

Conforme vimos, podemos deduzir que o Brasil vivia constantemente ao sabor das oscilações da economia internacional.

recorrendo a empréstimos no estrangeiro (Inglaterra) para equilibrar suas finanças, que representavam, por seu turno, um outro traço de dependência. O Brasil, tendo sua vida econômica regulada de fora para dentro, o Império nunca chegou a estabelecer um sistema monetário e financeiro sólido.

Concluindo, pode-se dizer que a estabilidade e o progresso da vida econômica do Brasil, no segundo reinado, representam, em última análise, a existência de mudanças estruturais que acarretassem perturbações do aparente equilíbrio obtido graças a ajustes, sempre momentâneos e circunstanciais, de uma economia dependente do mercado externo.

EXERCÍCIO:

- 1º) QUE, dados confirmariam uma imagem positiva sobre o II Reinado?
- 2º) Demonstre a importância do setor agrário do Brasil no segundo reinado.
- 3º) O que significa está "CONSTANTEMENTE AO SABOR DAS OSCILAÇÕES DA ECONOMIA INTERNACIONAL"?
- 4º) O que significa uma ECONOMIA DEPENDENTE?

Obs. Em uma folha à parte, traga as respostas (coloque seu nome, nº etc. servirá cada resposta para sua avaliação). Traga na próxima aula.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
 CENTRO DE HUMANIDADES
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
 DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO
 CURSO DE HISTÓRIA-95/2

FICHA DE AVALIAÇÃO DO PROFESSOR-ORIENTADOR DO ESTAGIO SUPERVISIONADO

NOME DO ESTAGIÁRIO Paulo Bernardo da Silva
 NOME DA ESCOLA de 1º e 2º anos Ademar Veloso da Silveira
 ENDEREÇO DA ESCOLA _____
 DISCIPLINA História do Brasil SÉRIE 5º E GRAU 1º
 NOME DO ORIENTADOR José Antônio dos Santos
 HORÁRIO 13:50 Nº DA AULA MINISTRADA 12ª dia 31/10/96 aula
 Nº DE ALUNOS DA TURMA 30
 ASSUBTO DA AULA Expansão territorial xixºs
 TÍTULO DA AULA _____

2. QUESTÃO

a) CONTEÚDO

O ESTAGIÁRIO DEMONSTROU DOMÍNIO DE CONTEÚDO
 SIM NÃO

b) METODOLOGIA

APRESENTOU PROBLEMATIZAÇÃO: SIM NÃO

CONDUZIU A AULA A PARTIR DE UM MÉTODO
 SIM NÃO

QUAL? _____
 OBS: _____

OS RECURSOS DIDÁTICOS FORAM UTILIZADOS
 ADEQUADAMENTE. SIM NÃO

QUAIS? quadro, fr. texto
 OBS: _____

c) AVALIAÇÃO

FOI UTILIZADO ALGUM SISTEMA DE AVALIAÇÃO
 SIM NÃO

QUAL? _____

d) TÉCNICAS

QUE TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM FORAM UTILIZADAS PARA APRESENTAR O CONTEÚDO?

- a) AULA EXPOSITIVA TRADICIONAL
- b) AULA EXPOSITIVA DIALOGADA
- c) AULA EXPOSITIVA A PARTIR DE UM TEMA GERADOR
- d) OUTROS: ESPECIFICAR _____

AVALIAÇÃO QUALITATIVA

E	B	R	I
		X	
		X	
		X	
		X	
		X	

mf

E	B	R	I
		X	

- e) MATERIAL ENTREGUE AOS ALUNOS
 TEXTO () ESTUDO DIRIGIDO ()
 EXERCÍCIO () PALAVRAS CRUZADAS (X)
 OUTROS

QUAL A EFICÁCIA DESSE MATERIAL PARA A AULA QUE FOI MINISTRADA? um mínimo de material foi entregue e não teve efeito didático

3. OBSERVAÇÕES DAS QUESTÕES PONTUAIS SOBRE O ESTAGIÁRIO EM SALA DE AULA

a) NÍVEL DA LINGUAGEM UTILIZADA PELO ESTAGIÁRIO

Adequada à série

b) O TEMPO DA AULA FOI UTILIZADO RACIONALMENTE PELO ESTAGIÁRIO?

sim

c) APRESENTOU DOMÍNIO EMOCIONAL?

sim sem problemas

d) COMO SE DEU A RELAÇÃO ESTAGIÁRIO-ALUNO?

cordialmente, amigável

e) OUTRAS OBSERVAÇÕES

o conteúdo ministrado foi problemático por conta da limitação da nota da turma: ()

4. OBSERVAÇÕES DAS QUESTÕES PONTUAIS SOBRE O ALUNO EM SALA DE AULA

a) OS ALUNOS DEMONSTRARAM INTERESSE PELA AULA?

(X) SIM () NÃO

OBS: apesar de

b) OS ALUNOS APRESENTARAM QUESTÕES DURANTE A AULA?

() SIM (X) NÃO

QUAIS? fizeram três perguntas sobre problemas de lógica ou questões

OBSERVAÇÕES DO PROFESSOR ORIENTADOR: Como primeira aula deixou a desejar.

- CONVENÇÕES: E= EXCELENTE
 B= BOM
 R= REGULAR
 I= INSUFICIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
 CENTRO DE HUMANIDADES
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
 DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO
 CURSO DE HISTÓRIA-95/2

FICHA DE AVALIAÇÃO DO PROFESSOR-ORIENTADOR DO ESTAGIO SUPERVISIONADO

1. NOME DO ESTAGIÁRIO Paulo Bernardo da Silva
 NOME DA ESCOLA de 1ª e 2ª fase Ademar Veloso da Silveira
 ENDEREÇO DA ESCOLA _____
 DISCIPLINA História do Brasil SÉRIE 2ª A GRAU 2º
 NOME DO ORIENTADOR Prof. Auditorio de Nascimento
 HORÁRIO 18:50 Nº DA AULA MINISTRADA 32
 Nº DE ALUNOS DA TURMA 35
 ASSUNTO DA AULA A Economia no II Império
 TÍTULO DA AULA _____

2. QUESTÃO

a) CONTEÚDO

• O ESTAGIÁRIO DEMONSTROU DOMÍNIO DE CONTEÚDO
 () SIM (X) NÃO

b) METODOLOGIA

• APRESENTOU PROBLEMATIZAÇÃO: () SIM (X) NÃO

• CONDUZIU A AULA A PARTIR DE UM MÉTODO
 () SIM (X) NÃO

QUAL? _____

OBS: _____

• OS RECURSOS DIDÁTICOS FORAM UTILIZADOS
 ADEQUADAMENTE. () SIM (X) NÃO

QUAIS? quadro e fig

OBS: _____

c) AVALIAÇÃO

• FOI UTILIZADO ALGUM SISTEMA DE AVALIAÇÃO
 () SIM (X) NÃO

QUAL? _____

d) TÉCNICAS

• QUE TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM FORAM UTILIZADAS PARA APRESENTAR O CONTEÚDO?

a) AULA EXPOSITIVA TRADICIONAL (X)

b) AULA EXPOSITIVA DIALOGADA ()

c) AULA EXPOSITIVA A PARTIR DE UM TEMA GERADOR ()

d) OUTROS: ESPECIFICAR _____

AVALIAÇÃO QUALITATIVA

E	B	R	I
		X	
		X	
		X	
		X	
		X	

- * não sabe fazer a ligação entre economia e objetivo que ele propôs.
- * não mostrou a aula preparada do professor.
- * ex. os ass. de capítulos falaram (sem explicar).
- * não preparou aula pelo que apresentou
- * só tinhamos o café para vender ao comércio internacional
- X falante de economia só falou de produtos sem objetivos e porque (não explicou os fatores de prosperidade e estabilidade)
- X expõe não sabe usar o quadro - complicada não sabe responder ao objetivo porque não preparou

E	B	R	I

- e) MATERIAL ENTREGUE AOS ALUNOS
 TEXTO () ESTUDO DIRIGIDO ()
 EXERCÍCIO () PALAVRAS CRUZADAS ()
 OUTROS _____

QUAL A EFICÁCIA DESSE MATERIAL PARA A AULA QUE FOI MINISTRADA? _____

3. OBSERVAÇÕES DAS QUESTÕES PONTUAIS SOBRE O ESTAGIÁRIO EM SALA DE AULA

- a) NÍVEL DA LINGUAGEM UTILIZADA PELO ESTAGIÁRIO

Normal de forma confusa

- b) O TEMPO DA AULA FOI UTILIZADO RACIONALMENTE PELO ESTAGIÁRIO?

Sim

- c) APRESENTOU DOMÍNIO EMOCIONAL?

claro, tranquilo.

- d) COMO SE DEU A RELAÇÃO ESTAGIÁRIO-ALUNO?

amigável

- e) OUTRAS OBSERVAÇÕES

vide verso

4. OBSERVAÇÕES DAS QUESTÕES PONTUAIS SOBRE O ALUNO EM SALA DE AULA

- a) OS ALUNOS DEMONSTRARAM INTERESSE PELA AULA?

(X) SIM () NÃO

OBS: *a maioria deixou a desejar*

- b) OS ALUNOS APRESENTARAM QUESTÕES DURANTE A AULA?

() SIM (X) NÃO

QUAIS? _____

OBSERVAÇÕES DO PROFESSOR ORIENTADOR: *começar tudo de novo do zero*
O conceito de regular pt a aula de hoje.

- CONVENÇÕES: | E= EXCELENTE
 B= BOM
 R= REGULAR
 I= INSUFICIENTE

obs: deu para ver sentir que a economia do mundo foi a cultura do café.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
 CENTRO DE HUMANIDADES
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
 DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO
 CURSO DE HISTÓRIA-95/2

FICHA DE AVALIAÇÃO DO PROFESSOR-ORIENTADOR DO ESTAGIO SUPERVISIONADO

1. NOME DO ESTAGIÁRIO Paulo Bernardo da Silva
 . NOME DA ESCOLA de 1º e 2º graus Ademir Veloso da Silva
 . ENDEREÇO DA ESCOLA _____
 . DISCIPLINA História do Brasil SÉRIE 5ª E GRAU 1º
 . NOME DO ORIENTADOR João Antônio dos Nascimento
 . HORÁRIO 13:50 Nº DA AULA MINISTRADA 30 (2 aulas) 07.11.96
 . Nº DE ALUNOS DA TURMA 30
 . ASSUBTO DA AULA Monumentos - Nazistas
 . TÍTULO DA AULA _____

2. QUESTÃO

a) CONTEÚDO

AVALIAÇÃO QUALITATIVA

E	B	R	I

1. O ESTAGIÁRIO DEMONSTROU DOMÍNIO DE CONTEÚDO
 () SIM () NÃO

b) METODOLOGIA

APRESENTOU PROBLEMATIZAÇÃO : () SIM () NÃO

CONDUZIU A AULA A PARTIR DE UM MÉTODO
 () SIM () NÃO

QUAL? _____

OBS: _____

OS RECURSOS DIDÁTICOS FORAM UTILIZADOS
 ADEQUADAMENTE. () SIM () NÃO

QUAIS? _____

OBS: _____

c) AVALIAÇÃO

FOI UTILIZADO ALGUM SISTEMA DE AVALIAÇÃO
 () SIM () NÃO

QUAL? _____

d) TÉCNICAS

QUE TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM FORAM UTILIZADAS PARA APRESENTAR O CONTEÚDO?

a) AULA EXPOSITIVA TRADICIONAL ()

b) AULA EXPOSITIVA DIALOGADA ()

c) AULA EXPOSITIVA A PARTIR DE UM TEMA GERADOR ()

d) OUTROS: ESPECIFICAR _____

Obs. Orientador estava em reunião departamental
 não foi a sala observar o estagiário. (M)

E	B	R	I

e) MATERIAL ENTREGUE AOS ALUNOS
 TIPO () ESTUDO DIRIGIDO ()
 EXERCÍCIO () PALAVRAS CRUZADAS ()
 OUTROS _____
 QUAL A EFICÁCIA DESSE MATERIAL PARA A AULA QUE FOI MINISTRADA? _____

3. OBSERVAÇÕES DAS QUESTÕES PONTUAIS SOBRE O ESTAGIÁRIO EM SALA DE AULA

a) NÍVEL DA LINGUAGEM UTILIZADA PELO ESTAGIÁRIO

b) O TEMPO DA AULA FOI UTILIZADO RACIONALMENTE PELO ESTAGIÁRIO?

c) APRESENTOU DOMÍNIO EMOCIONAL?

d) COMO SE DEU A RELAÇÃO ESTAGIÁRIO-ALUNO?

e) OUTRAS OBSERVAÇÕES

4. OBSERVAÇÕES DAS QUESTÕES PONTUAIS SOBRE O ALUNO EM SALA DE AULA

a) OS ALUNOS DEMONSTRARAM INTERESSE PELA AULA?

() SIM () NÃO

OBS: _____

b) OS ALUNOS APRESENTARAM QUESTÕES DURANTE A AULA?

() SIM () NÃO

QUAIS? _____

OBSERVAÇÕES DO PROFESSOR ORIENTADOR: _____

CONVENÇÕES: | E= EXCELENTE
 B= BOM
 R= REGULAR
 I= INSUFICIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
 CENTRO DE HUMANIDADES
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
 DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO
 CURSO DE HISTÓRIA-95/2

FICHA DE AVALIAÇÃO DO PROFESSOR-ORIENTADOR DO ESTAGIO SUPERVISIONADO

1. NOME DO ESTAGIÁRIO Paulo Bernardo da Silva
 NOME DA ESCOLA de 1º e 2º graus Alemar Viloso da Silva
 ENDEREÇO DA ESCOLA _____
 DISCIPLINA História do Brasil SÉRIE 5ª E GRAU 1º
 NOME DO ORIENTADOR Jose Adelinário do Nascimento
 HORÁRIO 13:50 Nº DA AULA MINISTRADA 6ª e 7ª 14.11.96
 Nº DE ALUNOS DA TURMA 30
 ASSUNTO DA AULA Selip dos Santos Inconfidência Mineira e Confederação Baiana
 TÍTULO DA AULA _____

2. QUESTÃO

a) CONTEÚDO

AVALIAÇÃO QUALITATIVA

E	B	R	I
		X	
		X	
		X	
	X		
	X		
	X		

O ESTAGIÁRIO DEMONSTROU DOMÍNIO DE CONTEÚDO

() SIM () NÃO

b) METODOLOGIA

APRESENTOU PROBLEMATIZAÇÃO : () SIM () NÃO

CONDUZIU A AULA A PARTIR DE UM MÉTODO

() SIM (X) NÃO

QUAL? _____

OBS: _____

OS RECURSOS DIDÁTICOS FORAM UTILIZADOS

ADEQUADAMENTE. (X) SIM () NÃO

QUAIS? Um texto muito apropriado.

OBS: _____

c) AVALIAÇÃO

FOI UTILIZADO ALGUM SISTEMA DE AVALIAÇÃO

(X) SIM () NÃO

QUAL? Questões para os alunos

d) TÉCNICAS

QUE TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM FORAM UTILIZADAS PARA APRESENTAR O CONTEÚDO?

a) AULA EXPOSITIVA TRADICIONAL ()

b) AULA EXPOSITIVA DIALOGADA (X)

c) AULA EXPOSITIVA A PARTIR DE UM TEMA GERADOR ()

d) OUTROS: ESPECIFICAR _____

O orientador está com muito sono e mesa baixa. hr.

e) MATERIAL ENTREGUE AOS ALUNOS
 TEXTO (X) ESTUDO DIRIGIDO ()
 EXERCÍCIO () PALAVRAS CRUZADAS ()
 OUTROS _____
 QUAL A EFICÁCIA DESSE MATERIAL PARA A AU-
 LA QUE FOI MINISTRADA? Existe na aula

E	B	R	I
	X		

3. OBSERVAÇÕES DAS QUESTÕES PONTUAIS SOBRE O ESTAGIÁRIO EM SALA DE AULA

- a) NÍVEL DA LINGUAGEM UTILIZADA PELO ESTAGIÁRIO? Adequada
- b) O TEMPO DA AULA FOI UTILIZADO RACIONALMENTE PELO ESTAGIÁRIO?
Sim
- c) APRESENTOU DOMÍNIO EMOCIONAL?
Sim
- d) COMO SE DEU A RELAÇÃO ESTAGIÁRIO-ALUNO?
numa clima de amizade diálogo
- e) OUTRAS OBSERVAÇÕES
Sez leitura com toda classe e depois fez leitura por fila. A turma comecou

4. OBSERVAÇÕES DAS QUESTÕES PONTUAIS SOBRE O ALUNO EM SALA DE AULA

- a) OS ALUNOS DEMONSTRARAM INTERESSE PELA AULA?
 (X) SIM () NÃO
 OBS: Comecaram a perguntar
- b) OS ALUNOS APRESENTARAM QUESTÕES DURANTE A AULA?
 (X) SIM () NÃO
 QUAIS? Dixeram estar com sono. O estagiario fez leitura com toda a turma para tirar o sono.

OBSERVAÇÕES DO PROFESSOR ORIENTADOR: Varia caracterizar melhor, mas sabe trabalhar com o texto.

- CONVENÇÕES: | E= EXCELENTE
 B= BOM
 R= REGULAR
 I= INSUFICIENTE

FICHA DE AVALIAÇÃO DO PROFESSOR-ORIENTADOR DO ESTAGIO SUPERVISIONADO

1. NOME DO ESTAGIÁRIO Yaulo Bernardo da Silva
 NOME DA ESCOLA de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira
 ENDEREÇO DA ESCOLA _____
 DISCIPLINA História do Brasil SÉRIE 2ª A GRAU 2º
 NOME DO ORIENTADOR José Aníbal dos Reis
 HORÁRIO 18:50h Nº DA AULA MINISTRADA 3º Dia 8.11.26
 Nº DE ALUNOS DA TURMA 35
 ASSUNTO DA AULA Rainado, dipo, Período Republicano
 TÍTULO DA AULA _____

2. QUESTÃO

a) CONTEÚDO

O ESTAGIÁRIO DEMONSTROU DOMÍNIO DE CONTEÚDO
 (X) SIM () NÃO

b) METODOLOGIA

APRESENTOU PROBLEMATIZAÇÃO : () SIM (X) NÃO

CONDUZIU A AULA A PARTIR DE UM MÉTODO
 () SIM (X) NÃO

QUAL? _____

OBS: _____

OS RECURSOS DIDÁTICOS FORAM UTILIZADOS
 ADEQUADAMENTE. (X) SIM () NÃO

QUAIS? Textos

OBS: leitura foi realizada individual
seguida de debate.

c) AVALIAÇÃO

FOI UTILIZADO ALGUM SISTEMA DE AVALIAÇÃO
 (X) SIM () NÃO

QUAL? Exercícios escritos - preencher lacunas
e Certo e Errado.

d) TÉCNICAS

QUE TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM FORAM UTILIZADAS PARA APRESENTAR O CONTEÚDO?

a) AULA EXPOSITIVA TRADICIONAL ()

b) AULA EXPOSITIVA DIALOGADA (X)

c) AULA EXPOSITIVA A PARTIR DE UM TEMA GERADOR ()

d) OUTROS: ESPECIFICAR _____

AVALIAÇÃO QUALITATIVA

E	B	R	I
	X		
		X	
	X		
	X		
	X		
	X		

E	B	R	I
X			

- e) MATERIAL ENTREGUE AOS ALUNOS
 TEXTO (X) ESTUDO DIRIGIDO ()
 EXERCÍCIO (X) PALAVRAS CRUZADAS ()
 OUTROS

QUAL A EFICÁCIA DESSE MATERIAL PARA A AULA QUE FOI MINISTRADA? seguiu a insistência do livro didático

3. OBSERVAÇÕES DAS QUESTÕES PONTUAIS SOBRE O ESTAGIÁRIO EM SALA DE AULA

- a) NÍVEL DA LINGUAGEM UTILIZADA PELO ESTAGIÁRIO

Adequada

- b) O TEMPO DA AULA FOI UTILIZADO RACIONALMENTE PELO ESTAGIÁRIO?

Sem dúvida

- c) APRESENTOU DOMÍNIO EMOCIONAL?

Sim, muito tranquilo

- d) COMO SE DEU A RELAÇÃO ESTAGIÁRIO-ALUNO?

amistosamente, de respeito recíproco sem problemas

- e) OUTRAS OBSERVAÇÕES

4. OBSERVAÇÕES DAS QUESTÕES PONTUAIS SOBRE O ALUNO EM SALA DE AULA

- a) OS ALUNOS DEMONSTRARAM INTERESSE PELA AULA?

(X) SIM () NÃO

OBS: Se havia 11 alunos dos 35

- b) OS ALUNOS APRESENTARAM QUESTÕES DURANTE A AULA?

() SIM (X) NÃO

QUAIS?

OBSERVAÇÕES DO PROFESSOR ORIENTADOR: Para início de 2ª aula, foi bastante dinâmico, conseguiu prender a atenção da turma no conto de texto que foi lido e conseguiu fazer alunos que não liam, lerem (hábito leitura de furos)

- CONVENÇÕES: E= EXCELENTE
 B= BOM
 R= REGULAR
 I= INSUFICIENTE

Escola de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Serie _____ Turma _____ turno _____ data ____/____/____

Professora: _____

Estagiario _____

Aluno: _____

objetivos: 1. Diferenciar a revolta de Felipe dos Santos, da Inconfidência Mineira e da Conjuração Baiana; 2. Escrever o que queriam os revolucionários; 3. Contar como terminaram as revoltas mencionadas.

1. A Revolta de Felipe dos Santos. Vila Rica - 1720).

Essa revolta deveu-se ao grande descontentamento da população das Minas, com o sistema de cobrança de impostos adotado pelo governo de Portugal. Chamava-se o Quinto. Crefiu essa revolta o fazendeiro chamado Felipe dos Santos que queria o fim das casas de Fundição e o perdão incondicional dos devedores da Coroa. O Governo das Minas Gerais, o Conde de Assumar, prometeu resolver a situação, mais em vez disso, reprimiu violentamente, prendendo os revoltosos, incendiando suas casas, enforcando e esquartejando Felipe dos Santos.

2. A Inconfidência Mineira (Vila Rica-1789)

Depois de 1750, a Rainha D. Maria I, proibiu o funcionamento de qualquer fábrica no Brasil. Todos os artigos que antes eram feitos aqui, mesmo em pequenas oficinas, passaram a vir de Portugal.

Neste mesmo período, o Governo português passou a exigir cem arrobas de ouro, imposto chamado Derrama, até daqueles que não eram mineradores. Essa cobrança era feita de forma violenta, pois soldados invadiam as casas e obrigavam todas as pessoas pagarem uma parte da quantia devida.

Em Vila Rica, um grupo de pessoas se reuniam secretamente para planejar uma revolta contra Portugal, tornando-se independente o Brasil e a criação de um Governo sob a forma de República. Tais pessoas, esturdaram na Europa e entraram em contato com as ideias dos pensadores franceses. Joaquim da Silva Xavier, foi considerado o chefe da Revolta, tendo outros componentes importantes como Padres, Juizes, Advogados, etc. Porém um deles, chamado Silvério dos Reis, traiu o plano dos Revoltosos, sendo Tiradentes e outros presos, como Tomás Antonio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e o Comêgo Luís Vieira, considerados ideólogos.

3. A Conjuração Baiana (Bahia - 1798)

A Conjuração Baiana foi motivada, principalmente pela situação de pobreza em que vivia grande parte da população da Bahia e pelo desejo de liberdade, igualdade e independência de muitas pessoas da Bahia. Os revolucionários pretendiam proclamar a Independência, criar uma República no Brasil, acabar com a escravidão e conseguir melhores condições de vida para todo o povo. A Conjuração Baiana foi também conhecida como revolta dos Alfaiates, pois estes participavam em grande número. Foi denunciado por um de seus participantes, José da Veiga. Alguns revolucionários conseguiram escapar, outros foram presos e processados, sendo quatro deles enforcados para dar exemplo. Os membros da Elite da sociedade que participaram da Conjuração foram absolvidos.

EXERCÍCIO:

- RESPONDER: Em que são semelhantes as revoltas estudadas?
2. Em que são diferentes as revoltas estudadas?
3. Quais os objetivos dos revoltosos em cada movimento?